

O
grito
da borboleta

João Lucas Dusi



EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

ILUSTRAÇÕES DA CAPA: Beatriz Cajé

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D973g DUSI, João Lucas. 1995. –
O grito da borboleta / João Lucas Dusi. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
80 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-560-7

1. Contos. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

El Libertador

Pablo encara o homem de pedra, este que fora um militar e político destemido, El Libertador, peça-chave na sangrenta emancipação da América Latina, imortalizado neste monumento no Rivadavia, alvo diário de merda de pombo e figura carimbada do imaginário popular latino-americano, cultuado por jovens lunáticos e velhos asquerosos, parciais, capazes de justificar e apoiar hecatombes em nome de seus ideais furados. Faz sol e as porteñas desfilam por ali de minissaias, curtindo o verde do parque, com Rayuelas e Alephs em suas bolsas tiracolo ecológicas, intelectuais & calientes, tomando suquinhos naturais, em sua maioria graduandas na faculdade de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires, campus a três quilômetros dali. Pablo cospe no impotente Simón Bolívar cor de azeviche, é reprimido aos gritos, quase agredido, e se retira com um sorriso debochado na cara redonda, praguejando baixinho. O cretino sempre fez o possível para se destacar de forma negativa. Diferentemente de seus pares graduandos do cur-

so de Letras, todos engajados progressistas, pouco ou nada lhe interessam as lutas estudantis e suas conquistas inúteis, as passeatas com cartazes vergonhosos, os ideais enganosos. Seu ídolo é Mario Santiago Papasquiaro, imortalizado Ulises Lima, infrarrealista, que em 1980 foi atropelado ao atravessar a rua sem olhar para os lados. Dezoito anos depois foi atropelado novamente e morreu – Pablo quase chora ao lembrar esses feitos heroicos.

Todos os dias ele pega dois ônibus para vencer os dez quilômetros que separam Palermo, onde mora num luxuoso apartamento, de Caballito, bairro em que estuda – mesmo que tenha à disposição um carro zero, intocado, que ganhou dos pais ao completar dezoito anos. Não só isso, como é provável que já tenha roubado livros de todos os sebos e das mais de setecentas livrarias de Buenos Aires. É preciso sustentar a Causa, mesmo sendo lobo solitário, em nome dos irmãos poetas, mártires, que pisaram neste planeta falido e lutaram até a morte contra os padrões vigentes. Pablo ainda não iniciou sua batalha pessoal, mas volta e meia, inspirado, homenageia seus ídolos: bebe até vomitar, sempre em casa, confortável, lê no banho, liga para números aleatórios de madrugada para recitar seus versos mais recentes e já bateu punheta embalado por trechos de 120 Dias de Sodoma. O estilo é a resposta pra tudo, afinal, diria Bukowski.

Pablo caminhou três quilômetros até a Rua Púan, fumando um cigarro atrás do outro, animado por ter cuspidido no herói nacional. Parou em frente ao número 480 e olhou para cima, enojado: FILO: UBA, 121 años (1896-2017).

Não, hoje não iria assistir à aula de Linguística com aquela velha inútil. A Universidade é um sistema que se retroalimenta: só transmite conhecimentos úteis para serem replicados dentro da própria academia; nada tem com o mundo Real, com tudo que acontece além da encenação fajuta que chamam educação superior. Que se foda. Pablo, anarquista, resolveu matar aula pra dar um pulo no Socrates, café/restaurante estilo europeu com preços abusivos, logo ali na esquina, usando o cartão de crédito que sua mãe lhe deu para emergências.

Com o espresso sobre a mesa, Pablo acaricia o Amuleto que tirou da mochila, enquanto escuta a conversa de duas ativistas acima do peso. Elas discutem a organização da algazarra para mais um 24 de março, em nome da Verdade e Justiça, ocasião de mais um aniversário do Golpe de Estado de 1976, quando o general Videla, louco de pedra, derrubou a presidente Isabel Perón e iniciou o Proceso de Reorganización Nacional. Essas putas não conhecem Auxilio Lacouture, a gana heroica da banguela mãe de todos os poetas do México, que por treze dias encarou a loucura de frente, escondida num banheiro imundo que bem representa toda América Latina, nos aterrorizantes dias em que os granadeiros e o exército invadiram a Universidade Nacional Autónoma do México e ceifaram uma ou outra vida, tudo quase como um ensaio existencial para que os estudantes sentissem o clima dos vindouros anos realmente difíceis. A invasão aconteceu em 68 e Auxilio se saciou com pedacinhos de papel higiênico e bebericou água da latrina para manter a sanidade e a vida, para que

pelo menos o estômago não doesse tanto, sem coragem nem de peidar por causa do possível barulho. Mas é preciso lembrar que justamente da desgraça surge o canto do poeta, este que é capaz de contornar o doloroso absurdo do real porque punge no imaginário, subverte o cotidiano, e Pablo tem a certeza de que escreveria versos imortais se tivesse vivenciado esse ou aquele caótico momento histórico. É tanto vitimismo que lhe revira o estômago; a fraqueza da juventude moderna o irrita profundamente. Além do mais, aposto que essas gordas adoram Borges, aquele pau no cu que apertou a mão do Pinochet. Coerência, minha gente, coerência. Ação e reação: Pablo pegou a xícara, jeitoso, deu um gole, queimou a boca e jogou-a no chão com força. Levantou-se tranquilo, guardou o Bolaño e foi ao caixa perguntar quanto fica o estrago.

Voltou para casa de táxi. Abriu a porta do apartamento com um coice, puto com a demora do elevador, jogou a mochila na sala e se trancou no quarto. Compreendeu, enfim, que é impossível continuar em Buenos Aires. Nada acontece por aqui, além de discussões entre estudantes retardados em ambientes teatrais. A capital transborda cultura, mas eles não aproveitam. Ninguém lê porra nenhuma. São incapazes de entender que o único caminho é o da arte, da poesia, superior a qualquer ação mundana. Esses hipócritas não têm a mínima ideia do que é o Real, tomando seus suquinhos em dias de outono, felizes, brincando de revolucionários. Imbecis. Convencido de que é seu destino, o poeta decidiu: desembarcaria no Brasil, país com mais de sessenta mil homicídios por ano, pra viver a vida como ela é.

A caminhada até o Jorge Newbery foi tensa. Pablo saiu com uma mala de mão e o indispensável cartão que lhe permitiria anarquia, depois de discussões e choradeira, meticulosamente mal vestido para causar a impressão certa. Os pais demoraram a compreender que aquele era seu destino, que precisaria abandonar tudo. A mãe, provavelmente pensando que Letras não o levaria a nada mesmo, foi a primeira a ceder. O pai, leitor de jornais assíduo, bem informado, ficou horrorizado com a ideia: admirou a gana heroica de seu rapaz, seu menino, mas ficou inconformado com o destino. Por que ir ter com aqueles selvagens? Podemos te mandar pra Suíça, Pablo, se você está precisando de um tempo para relaxar. Sei que a graduação em uma área de humanas pode ser muito estressante e difícil. O poeta, puto, defendeu o povo brasileiro; falou sobre a beleza da miscigenação, arrancou argumentos behavioristas, quase marxistas, para explicar a miséria mental e intelectual do Brasil. Afirmou-se um mártir, enfim: sua poesia libertaria aquele país de coitados, tal qual a espada de Simón, mas de forma genuína. Nada seria feito pela glória ególatra, tudo diz respeito à poesia, essa arte além do bem e do mal. Finalizou quase em prantos, tão persuasivo quanto um Hitler poeta do século XXI, e ganhou aval para abandonar a Universidad e partir. Passagem só de ida e uma garrafa de água com vodka para animar o voo.

Amaro, mirrado tipo esquelético, virado há três dias, atingiu o ponto de não-retorno cocaínico. Impossível dor-

mir, triste seguir desperto. O desastre que é sua linhagem sanguínea, inevitável não admitir, quase o agrada. O pai o abandonou, a mãe o abandonou; os avós o criaram sem carinho, nenhum tato. Quando falou com a ex-mulher há uns dias, ela só fez berrar sobre a doença do seu filhinho. Precisa da pensão, atrasada há meses, precisa comprar antibiótico e marcar exames caros, e ameaçou processá-lo desta vez. É natural que esteja esgotada: mesmo quando viviam juntos, Amaro nunca foi de dar muita atenção para nenhum deles. Ele consegue imaginá-la chorando à noite, com a cara enfiada no travesseiro para não acordar a criança que dorme ao seu lado, arrependida por não ter abortado – foi isso que ele sugeriu, afinal, ciente de que seria uma bosta de pai. Que graciosa vitória, enfim, projetar a culpa nos familiares, sem peso na consciência, racional, cheio de argumentos para explicar a própria derrocada. É nesse tipo de merda que você pensa ao se olhar no espelho e ver esse rosto pálido sem expressão.

Com o pó chegando ao fim, Amaro liga pra Infante, vadio psicótico, bueno amigo, e o convida à festa. Poderá oferecer uma ou duas linhas finas, já basta, cocaína é a droga do egoísmo por excelência, animar o camarada para fazê-lo de psicólogo por algumas horas, até que o coração ceda e a choradeira irrompa, encerrando mais um ciclo de diversão. O ponto de encontro é a Trajano, extensa rua cheia de bares e alegria, ambiente de diversão garantida em Curitiba, a capital modelo; Infante, desempregado crônico, aceita sem hesitar, mesmo sabendo o que o espera. Prioridades, pessoal.

Junto aos mendigos toxicômanos e velhos solitários, hediondos, aqueles tipos que se masturbam em terminais de ônibus olhando a pica do vizinho de mictório, o Poeta aguarda na fila do restaurante popular da Praça Rui Barbosa. Quem vê o cenário verdejante, os banquinhos confortáveis sob árvores centenárias e os estudantes do Bom Jesus com suas namoradinhas perfeitas não imagina como são hostis as noites e madrugadas na região. É um sábado qualquer, sol a pino, tudo fede muito por ali. Ninguém está animado para a refeição; é puro protocolo para se manter vivo, zero prazer gourmet ao pegar o garfo engordurado e levar a comida servida com ódio à boca. Custa dois reais, é verdade, e os funcionários do restaurante devem receber um salário de fome – nada tão diferente da população em geral. Feridas purulentas brotam da pele de Pablo, totalmente entregue à encenação, antes branquinho bem alimentado de pele lisa e cheirosa, agora todo fodido, seco, rosto chupado e olhos salientes, vidrados. Ele acha isso sensacional. Deve ser AIDS ou lepra, algo do tipo, bônus por estar vivendo como um desbravador itinerante, transitando pelos albergues curitibanos nas Kombis da FAS, animado por jogar em alto nível. Aconteceu quando Pablo ficou um tempo sem ligar para a família. O pai e a mãe já tinham feito o possível para localizá-lo, desesperados, certos de que o filho único jazia num cemitério de indigentes qualquer, morto no primeiro minuto em que pisou na Selva. Não foi bem assim. O Poeta só resolveu dar um tempo pra cabeça, desestressar, e um dos métodos foi se distanciar da tensão já conhecida, de seu pequeno mundinho aconchegante. Só

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2019.
